

PREFÁCIO

UMA NOVA PAISAGEM PARA OS IDOSOS

Cada sociedade teve os seus desafios e a sociedade de hoje, neste particular, não é diferentes das demais.

O livro que temos diante de nós assenta precisamente neste pressuposto, ao questionar até que ponto as respostas sociais, no âmbito dos idosos, oferecidas pelo concelho de Fafe respondem às demandas da comunidade. Naturalmente, este é um estudo para este tempo, pensado a partir de determinadas categorias culturais e é a partir delas que emerge a convicção da necessidade de se propor um novo paradigma para um envelhecimento mais repousado e menos ansioso, como aquele a que se pode assistir quando se convida o idoso a mudar da residência onde permaneceu toda a vida para uma Estrutura Residencial para Pessoas Idosas.

Portanto, neste sentido, este estudo mais do que propor um novo paradigma de residência, contribui, de forma penetrante, para uma nova compreensão da pessoa idosa, ou seja, uma nova “forma de pensar” o processo de envelhecimento, na medida em que procura compreender o horizonte que rodeia próprio idoso.

A sociedade de hoje, mais atenta aos pormenores, mais democrática e cuidadora, tem que ser mais benévola com os idosos. Não os pode “despejar” a troco de uma determinada quantia. Além da imoralidade, subjacente a este ato, há todo um passado que se desconsidera, que não é apreciado, porque se o fosse, antes de se deslocar um idoso da sua própria casa, pensar-se-ia em soluções alternativas.

Este livro insere-se nessa procura de respostas para os idosos. E, sabemos bem, que, por vezes, a situação é profundamente embaraçosa. Referimo-nos, particularmente, quando o idoso ou a sua família apresenta uma situação económica periclitante, ou quando não tem qualquer retaguarda, ou mesmo quando, embora tendo família, esta se encontra distante, no estrangeiro, por exemplo. Estas situações não são fáceis de resolver. O mais simples,

diríamos, é aguardar por uma vaga numa ERPI. E, muitas vezes, quando a vaga passa a estar disponibilizada, não se questiona o idoso se quer deixar a sua casa, se está disposto a partir, a enterrar ali as suas memórias e ir para a nova morada, quiçá a última. Esta descrição pode parecer demasiado simplista, mas a experiência de campo, ao longo de vários anos, diz-nos que a realidade é muito assim.

Ora, assim sendo, a pergunta impõe-se: será que a sociedade moderna não consegue encontrar outras soluções para os idosos que não a sua institucionalização? De facto, acreditamos que as soluções não sejam muitas para quem não tem avultadas garantias económicas para suportar três funcionários, a revezarem-se por períodos de oito horas. No limite, a solução, para o cidadão comum pode ser a permanência numa ERPI. Mas, e para aqueles idosos que ainda estão com razoável saúde e que não têm retaguarda familiar? Será que a nossa sociedade, cada vez mais inteligente, não encontra uma forma dos idosos permanecerem nas suas próprias casas, com proteção, cuidado e apoio ao domicílio?

Este livro é uma resposta a este problema. Propõe a construtura de um “lar horizontal” - proposta que tem o nosso sonho e que foi desenvolvida teoricamente pela autora deste texto - , onde o idoso, se a saúde assim permitir, possa permanecer em sua casa até ao fim da sua vida, com o apoio de uma equipa multidisciplinar (médico, enfermeiro, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, etc.), criada para o efeito, que zelaria por esse e outros idosos a viver na mesma rua, lugar ou contexto. Esta estrutura (que poderia ser organizada juridicamente como uma IPSS, Associação, Fundação, Empresa, etc.), teria, desde logo, a mais-valia de poder integrar técnicos especializados do próprio contexto dos idosos, o que lhes traria muita segurança e bem-estar. Porém, a grande novidade deste modelo estaria na humanização deste processo, que passaria por integrar jovens voluntários no cuidado dos idosos, ou seja, além do corpo técnico, que prestaria todos os cuidados necessários, esta equipa teria o apoio de voluntários, de gente do mesmo contexto, que de dia e de noite, em rotatividade fixa, iam cuidando dos idosos como outrora estes mesmos idosos cuidaram

dos mais jovens. Naturalmente, estas equipas seriam sustentadas de acordo com o seu enquadramento jurídico, podendo coletar financiamento público, vindo do Estado e, ainda, privado. No caso de estarem organizadas como IPSS, por exemplo, gozariam de um estatuto próprio, com benefícios ao nível fiscal, podendo contar com o apoio financeiro dos seus idosos que apresentassem uma sustentabilidade financeira mais sólida.

Este modelo tem tudo para funcionar, ao apoiar-se em novos padrões, mais abertos, eficientes e fundados sob o princípio da realização do ser humano como pessoa livre, criativa e autónoma. Fundamenta, por isso, a sua existência na “cultura do dar”, na “economia de comunhão” e na exigência de uma nova mundividência sobre o idoso, que assenta na sua valorização, dignidade e no valor da fraternidade e solidariedade entre vizinhos.

Bem, poder-se-ia perguntar: terá este modelo de “lar horizontal”, que aqui se propõe, futuro?

Como já escrevemos noutras alturas, sabemos que a sociedade contemporânea mudou imenso em relação à sociedade antiga, particularmente, no que se refere à previsão do futuro. À primeira vista, pode parecer que este assunto é de menor importância, mas, quando paramos para refletir, apercebemo-nos que esta questão abriu uma fenda na história e que interfere profundamente com a nossa vida e com a vida dos nossos idosos. No presente, vive-se de forma tão célere e agitada que o futuro pode esfumar-se nas tarefas do dia-a-dia. As novas tecnologias não são alheias a este fenómeno. Bem pelo contrário, contribuíram para o seu sucesso. A inovação ganhou velocidade. O que hoje se inventou amanhã está em desuso e passa a ser passado. Passado pobre porque nem história fez. E o que a história faz é narrar a vida no tempo. Ora, neste sentido, as sociedades antigas eram mais lineares, a história era mais lenta, as mudanças seguiam rumos expectáveis, o que permitia um futuro mais igual ao presente. Mas, no presente, não sabemos como vai ser o porvir, porque o futuro tornou-se espesso, com variáveis pouco previsíveis o que gera, naturalmente, muita incerteza, instabilidade e insegurança nas pessoas.

Se paralelamente a esta sociedade - que não permite que se

vislumbre o futuro - adicionarmos outros ingredientes como a celeridade com que tudo acontece, o pragmatismo com que se tomam decisões, a beleza da juventude como reduto da felicidade, o projeto racional em detrimento da alma sensível, que futuro estará reservado ao idoso como sujeito perscrutador da sabedoria? Terão os nossos idosos espaço - de respeito e de valor - na sociedade do futuro?

Já percebemos que o presente não nos permite avançar muito, mas, ainda assim, em teoria, vale a pena dizer que não é possível viver sem a integração social dos idosos. Se isso acontecesse, a sociedade tornar-se-ia seca, sem memória e sem herança e a infância e a juventude, como espaços de transição para a vida adulta, ruíam, porque ficavam sem a fonte de alimentação e sem a corrente que os liga à terra.

Então, se a ideia que guardamos do futuro é instável e incerta, os idosos do futuro, porque serão os guardiães da memória, terão que aprender a ser idosos. Aprender será a palavra de ordem na velhice do futuro. Aprender é uma atitude a conseguir, uma postura a conquistar e uma maneira de viver. Aprender a envelhecer bem é aprender a ser bom. É saber superar as divergências absolutas. É despegar-se da arrogância e das palavras duras! É saber libertar-se das dores que o oprimiram e valorizar o que sente, o que tem e com quem está. No futuro, chegar a idoso, vai exigir levantar-se e servir, ter a força do exemplo e fazer com o coração. No futuro, ser idoso, vai reclamar que cada um não se deixe morrer, que se abra a novas formulações e alternativas, que aceite a contingência como um elemento de oportunidade e não como um fracasso, que em vez de tentar combater os adversários desenvolva a disposição para tentar novos caminhos e explorar novas opções.

O futuro vem ao encontro da nossa humanidade, daí a necessidade de o sabermos introduzir nas nossas estruturas e nas vidas. Trata-se, portanto, de um jogo, onde todos os seres humanos jogam em relação e cujo resultado final ainda não está determinado. Por isso, no futuro, a velhice vai exigir muito treino, muito mais do que o que se pensa! E a teoria clássica já não dá respostas a novos problemas. Daí também a necessidade do novo paradigma de que

falamos anteriormente para melhor entender o idoso, resultando um novo equilíbrio de princípios e verdades, que melhor se ajustem aos tempos que hoje vivemos.

Eduardo Duque
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica
Portuguesa